



O CORPO: UMA MATERIALIDADE DISCURSIVA HETEROGÊNEA NA PERFORMANCE DE OVADIA

Tiago Carrer Silva¹

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a implicação corpo-subjetivação-subversão, através da performance da artista Jo Ovadia (2022), enquanto um fato discursivo na perspectiva teórica-analítica-metodológica da Análise Materialista do Discurso, sob o legado de Michel Pêcheux (AD). Em sua proposta, fruto de minha dissertação em andamento, busco analisar a esta materialidade heterogênea - performance artística de Ovadia intitulada “evangelion fantasia voraz: monstrix encantada” -, a partir da articulação entre subjetivação e subversão, de como um corpo tecnológico e ciborgue, categoria híbrida dos questionamentos entre gênero e sujeito de Donna Haraway ([1985] 2025) e de Paul B. Preciado ([2000] 2022), ocorre num acontecimento discursivo, em condição à AD como reduta Pêcheux ([1980] 2016) sobre a heterogeneidade irreduzível do discurso. Esse conceito, advindo do colóquio de 1980, ocasiona a impossibilidade de fixação definitiva dos sentidos, uma vez que eles estão sempre atravessados por contradições e deslocamentos entre a linguagem e outras funcionalidades da materialidade.

Ovadia é uma artista transdisciplinar que atua nas cenas urbanas de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Sua prática artística atravessa linguagens e suportes diversos, promovendo uma crítica contundente às estruturas normativas que sustentam os binarismos de gênero e as lógicas excludentes do tecno-heteropatriarcado. Para Preciado ([2000] 2022), essa conduta contra o patriarcado se intitula como contrassexualidade, provém indiretamente às contribuições de Michel Foucault em História da Sexualidade ([1976] 2014), como disciplina de resistência à sistematização das práticas sexuais “naturais” e do sistema de gênero em uma sociedade liberal. Mais ainda,

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos de sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transsexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (Preciado, [2000] 2022, p. 33-34).

Em outras palavras, nas contribuições das vertentes feministas pós-modernas, o corpo é um aporte tecnológico que deriva a um fluxo contínuo de transformação. A sexualidade, diante do declínio do darwinismo e do biologismo, advém da prática social e sexual do indivíduo ideologicamente constituído como sujeito tecnológico. Assim, a lógica binarista, holística à luz da conjuntura patriarcal, detém as formações discursivas

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFRGS. Licenciado em Letras - língua portuguesa e suas respectivas literaturas, língua francesa e sua respectiva literatura pela mesma instituição. E-mail: <tcarrer.silva@gmail.com>.



àqueles que não se constituem como homem, nem mulher, mas um ciborgue. O Manifesto Ciborgue ([1985] 2025), que alude ao Manifesto Comunista de Marx e Engels, é um ensaio teórico de Donna Haraway que confronta a ciência e a tecnologia no campo político-social sobre as relações sociais a aportes teóricos do feminismo pós-moderno do final do século XX. Para a filósofa, a criatura do ciborgue, formada por fusões entre máquina e organismo, mistura de realidade social e ficção, não constituindo um corpo sólido com componentes definidos, seria uma metáfora dessa nova política em um mundo marcado de forma crescente pelo binômio ciência e tecnologia, no qual as fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, e entre físico e não físico mostram-se fluidas. Para tal,

A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de uma experiência vivida - uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (Haraway, [1985] 2025, p. 28).

Em diálogo entre o Manifesto Ciborgue ([1985] 2025) e o Manifesto Contrassexual ([2000] 2022), ambos resultam de uma disputa ideológica sobre as posições de corpos que contracenam na rotina diária. A esse pensamento, ocorre a performance de Ovadia (2022) como um acontecimento discursivo. Para Pêcheux, em *Estrutura ou Acontecimento* ([1983] 1990), o discurso deve ser entendido como uma ruptura com a memória recorrente, um movimento que se dá por meio de interdiscursos. Destarte, o acontecimento discursivo não se limita à simples repetição do passado, mas envolve um processo de resignificação, no qual o presente reinterpreta o passado à luz das novas condições de enunciação; ou seja, “todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem [...] em uma descrição adequada do universo” (Pêcheux, [1983] 1990, p. 31). Em seu gesto de leitura, a performance analisada desestabiliza os discursos hegemônicos que enquadram corpos dentro das categorias estanques de “masculino” ou “feminino”, recusando a conjunção “e” como elemento conciliador ou estabilizador dessas dicotomias. Ao tensionar os limites entre sexualidade, tecnologia, arte e política, sua produção artística propõe outras formas de existência e visibilidade que rompem com as normas cisheteronormativas, abrindo espaço para a emergência de subjetividades dissidentes nas dinâmicas urbanas contemporâneas diante de um corpo monstruoso e tecnológico como aporte teórico.

Na descrição da performance, a artista se apresenta de quatro sobre as mãos e as pernas de pau, onde os braços são cobertos com camadas de espumas torcidas e estranguladas dentro de um tecido de nylon e, nas pernas, veste uma botina e uma joelheira de compressão preta. Em sua cabeça, há asas de metal sobre um tecido branco que veste da cabeça aos braços em mangas bufantes até a parte superior do tórax. No rosto, há um aparelho bucal que alarga a mandíbula, que recobre também o nariz como se fosse uma focinheira. Há vários olhos sobre o peito que emergem sob um colarinho romano alto e rígido de padre. Na região pubiana, veste uma tanga preta que tem uma bolsa frontal que cobre as genitálias, com dildo na



parte frontal. Entre as nádegas expostas, há uma faixa muito fina, onde pode-se ver um plug anal de bolinhas brancas, presos na cintura ao redor dos quadris.

Não é por acaso que essa descrição completa da performance, que tem a função de apresentar a estética de um corpo dissidente bastante perturbador à primeira vista, mas excepcional à subjetivação, retrata uma cadeia signifiante de um discurso do corpo sob a arte como ato de interpretação. Para falar de corpo, é excepcional retratar essa materialidade discursiva, que exige uma fundamentação teórica e metodológica que pense o corpo para além de suas dimensões biológicas que o considera como uma instância simbólica, como estética de resistência, marcando uma posição política. Proponho a reflexão de Leandro Ferreira (2023) em que a pesquisadora refrata os pressupostos de como um analista do discurso prevê o aparato teórico-metodológico do corpo como materialidade discursiva:

Esse corpo que busco não é um corpo empírico, nem biológico, tampouco um corpo dado, como presente divino (ainda que seja bem aberta e sensível às manifestações do além). Busco um corpo amarrado ao discurso, um corpo que com o discurso mantenha um laço social, que traga junto com a linguagem a historicidade, sem deixar de lado a cultura. Um corpo-signifiante onde habita o sujeito e também os sentidos e os não-sentidos (que fazem sentido). Um corpo estrutura-de-viver e de sofrer e de gozar. Um corpo como lugar de fala, que se faz presente nas palavras que enunciamos e silenciemos. Um corpo que se marca no sujeito e que lhe dá corpo pela linguagem (Leandro-Ferreira, 2023, p. 35).

A performance, que é um dos enfoque principal da pesquisa, não se origina apenas a um corpo, mas por todos os corpos que se atrelaram para a memória já-dita. Segundo Dela-Silva et al. (2023), ao relatar sobre as formações imaginárias no discurso, percebe a relação da posição do sujeito em sua projeção social que não é motivada pelo sujeito empírico, tampouco a vontade individual desses sujeitos, das quais se relacionam aos lugares sociais. “Trata-se, portanto, de uma projeção construída histórica e socialmente, mas que se materializa no discurso a partir das posições em jogo dos sujeitos.” (p. 53). Ou seja, falar de corpo é também falar de sujeito, pois “onde há sujeito, há corpo, e onde há corpo, há linguagem, há materialidade simbólica, político-ideológica” (Leandro-Ferreira, 2023, p. 42). Neste sentido, a performance habita lugar de discursividade onde a arte denuncia uma violência do Estado, diante de um sujeito que habita no CISTema: prefixo CIS- em cisheteronormatividade, que configura às adaptações corporificadas do patriarcado hétero e cisgênero, ocasionando uma ruptura e um apagamento de corpos dissidentes e de diversidade plural na sociedade brasileira, como ressalta a professora e pesquisadora Letícia Nascimento (2021).

Além disso, é necessário pontuar como a arte entra em coagulação na formação discursiva presente. Jung de Campos (2010), sob a perspectiva da AD, sinaliza a descontinuidade da imagem pela qual seus sentidos convocam outras posições-sujeito que extrapolam a forma-sujeito previamente instaurada. Isso decorre da maneira como a performance encarna o outro corpo, se apresenta e ressignifica diante do olhar dos leitores e da presença da artista, dando notícias de um outro sujeito. Logo, a análise propõe compreender as materialidades significantes nos dizeres artísticos contemporâneos, relacionando os gestos interpretativos do analista do discurso e do artista, mediados por dispositivos, respectivamente, teórico-analítico e estético-sensível, como propõem Jung de Campos e Neckel (2015). Em conjuntura dos conceitos da perspectiva da



AAD-80 e da performance de Ovadia (2022), relato uma perspectiva de uma materialidade heterogênea, que articula os princípios entre língua, história e inconsciente, que origina ao conceito de heterogeneidade irreduzível do discurso (Pêcheux, [1980] 2016). Ao deslocar a centralidade da linguagem verbal e reconhecer outras formas de materialidade como o corpo, a AD amplia suas possibilidades analíticas, permitindo compreender a constituição discursiva dos sujeitos em diferentes suportes. Na tentativa de esboçar uma análise ainda rudimentar da performance, na sua heterogeneidade, apresenta um corpo híbrido, que funde simbolismos angelicais com elementos grotescos, apontando para a divisão constitutiva do sujeito.

Por fim, ressalto uma análise de um corpo tecnológico a partir de um acontecimento discursivo performático de que, segundo o pesquisador Patzdorf (2017), após o advento das tecnologias digitais, a condição do corpo nos dá chaves interpretativas para agir na realidade que nos interpela. Isto é, “o corpo se transformou de uma unidade, posse ou sujeito em um fluxo, um espectro ou uma fulguração.” (Patzdorf, 2017, p. 3). Mais do que já dito,

se outrora o sexo poderia ser tomado como uma situação exclusivamente corporal, ocorrendo somente a partir da fricção de dois ou mais corpos (carne- com-carne), nossas atuais práticas sexuais nas ambiências digitais revelam que o corpo não é uma unidade orgânica que se relaciona apenas com seus pares semelhantes no seu entorno imediato, mas antes uma corporalidade reticular que conjuga sensações, informações e tecnologias para se atualizar e agir simultaneamente em múltiplos espaços (Patzdorf, 2017, p. 1).

Para Ovadia (2022), em gozo de seu corpo artístico, a performance é um fato discursivo em que a materialidade do corpo se oferece como suporte da resistência, que funciona como operador simbólico na produção de sentidos, mediando a relação entre memória e história, e resultando em outras possibilidades de subjetivação, que confronta o patriarcado e os efeitos do capital sobre os corpos. É na arte que buscamos repúdio ao patriarcado, que advém cada vez mais na extrema-direita em exterminar outros dispositivos de subjetivação. Para tanto, é necessário resistir, entrar nas condições de produção em que, no silenciamento da materialidade verbal, a multimodalidade da arte nos busca resposta a este confronto, onde tais corpos não podem viver.

REFERÊNCIAS

- DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda Luzia; GARCIA, Dantielli Assumpção; BAALBAKI, Ângela. **Análise de discurso**, uma introdução. Rio de Janeiro: Eduff, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber - Vol. 1. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, [1976] 2014.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista do final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomas (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, [1985] 2025. p. 27-112.
- JUNG DE CAMPOS, Luciene; NECKEL, Nádia Rédia. Olhares táteis: o corpo atravessado é o corpo que resta. **Anais do VII Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Recife: Ed. UFPE, 2015.



JUNG DE CAMPOS, Luciene. **Imagens à deriva**: interlocuções entre a Arte, a Psicanálise e a Análise do Discurso. 2010. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Quando o corpo acontece. *In*: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; VINHAS, Luciana (org.). **O corpo na análise do discurso**: conceito em movimento. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 35-56.

NASCIMENTO, Letícia Carolina. **Transfeminismo**: Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OVADIA, Jo. (@ovadiajo). 2022. **evangelion fantasia voraz**. Instagram, 13 de fevereiro de 2022. https://www.instagram.com/p/CZ72DvouetF/?img_index=1.

PATZDORF, Danilo. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo**: corporalidade nas ambiências digitais. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do colóquio. *In*: CONEIN, B. *et al.* (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Unicamp, [1980] 2016. p. 23-29.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes, [1983] 2015.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, [2000] 2022.